

CAPITULO XXII

A SCIENCIA E A ARTE

A SCIENCIA e a arte estiveram ligadas, intimamente, ao phenomeno religioso que, nas phases primitivas da evolução humana, quasi dominara ou, pelo menos, dirigia todas funcções de relação, passadas nas sociedades.

Entretanto, as diferentes ordens de phenomenos, outr'ora ligadas, foram pouco a pouco se libertando da tutela da religião, devido a um processo lento de differenciação, passado nas sociedades e que os vão tornando cada vez mais complexos.

Deste modo, a sciencia, hoje separada do phenomeno religioso, procura apenas corresponder a esta necessidade de conhecimento, tão natural e peculiar do ser humano.

Mas, o estudo da sciencia figura, neste trabalho, em vista de sua natureza inteiramente

social, como phenomeno colectivo, unicamente possivel com a existencia das sociedades.

Inamissivel seria do seu desenvolvimento, sem o concurso da existencia social, isto é, dos differentes elementos que concorrem, directa ou indirectamente, para o seu desenvolvimento.

E' incrivel conceber-se qualquer innovação, no terreno scientifico, mesmo em suas origens, sem o auxilio de outros trabalhadores, intellectuaes ou mesmo materiaes, que se manifestam directa ou indirectamente.

Nas phases superiores do desenvolvimento scientifico, então o phenomeno é tão claro, tão evidente que dispensa qualquer explicação, sobre o assumpto.

Como um individuo poderia conseguir um progresso, mesmo diminuto, em Astronomia, Physica, Sociologia, etc. com os seusapparelhos complicados ou a sua complexidade atordoante, sem o auxilio de outras sciencias, industrias, artes e das intelligencias que o precederam e o ajudaram, nas iniciativas as mais insignificantes?!

A sciencia ainda vae actuar, no desenvolvimento das sociedades, pois as descobertas scientificas podem acarretar grandes mudançã, nas suas instituições, trazendo um progresso politico, economico, juridico, etc.

Alem disto, ainda se pode conceber a sciencia eminentemente social, como admittem alguns autores, pelo facto della arrastar, ao conhecimento profundo das coisas e então julgar, com René Worms, que affirma terem os pensadores realizado um acto de sociabilidade completa, quando sentem esta interdependencia que os liga aos outros individuos, á materia e á

vida e se reconhecem, como uma passagem ephemera na evolução eterna do universo.

As sciencias têm tido diversas classificações, conforme a orientação philosophica dos seus autores e as mais interessantes são as de Comte e Spencer ja expostas, neste trabalho, em capitulos anteriores.

René Worms mostra as sciencias divididas em tres grandes dominios: cosmico, biologico e social.

Em suas origens, segundo este autor, existia nas sociedades apenas o saber, pois o apparecimento da sciencia foi relativamente recente.

O saber humano possui, nestas condições, um campo de acção muito vasto, enquanto que «a sciencia é um saber systematizado.»

Mas, uma ordem de phenomenos tambem muito interessante e que, ás vezes, depende directamente da sciencia, impõe-se ao estudo da Sociologia.

Elles se nos apparecem, ainda envolvidos pelo idealismo, força criadora de suas mais bellas manifestações.

O ideal, como uma manifestação superior da intelligencia é o fim nobre, o objecto a que procuram attingir as artes, pelo menos, nas phases superiores da cultura humana.

Mas, conforme o ponto de vista a encarar o problema, pode-se admittir a existencia das artes uteis que se firmam immediatamente na sciencia, as bellas artes que fallam tão alto ao sentimento e ainda as bellas letras que se impõem, como uma realização esthetica do pensamento humano.

Alguns autores mostram, como a arte apresenta mais do que nenhum phenomeno, certos caracteres individuaes.

Deste modo, os artistas deixariam as suas obras, impregnadas empre de alguma coisa que seria a sua propria alma, o seu sentimento, transmutado, algumas vezes, nas obras primas de que a humanidade se orgulha.

E não é só isto, tanto mais bellas, mais sublimes e lumiensas fossem as criações artisticas do genio, quanto mais individuaes ellas se tornariam, parecendo que, pouco a pouco, se libertariam da acção do meio physico e social que envolvem os seus criadores.

Um facto tambem observado, por alguns sociologos, é a tendencia da arte a se individualizar, com o decorrer da civilização.

Mas, nem sempre os escriptores pensam desta maneira e as theorias, ás vezes, se contradizem, como se pode ver pela seguinte opinião de Le Bon, quando se manifesta, sobre a psychologia dos artistas.

«... as suas obras são os mais exactos dos documentos que se podem invocar, para reconstituir uma civilização.

.
.
.
.
.

Estão envolvidos em uma rede de tradições, de idéas, de crenças, cujo conjuncto constitue a alma duma raça e duma epoca, a herança de sentimentos, de pensamentos e de inspirações, cuja influencia é toda poderosa, sobre elles, porque ella governa as regiões obscuras do inconsciente em que se elaboram as suas obras.»

Mas, a discussão deste problema, não interessa ao facto em apreço, porque, pelo deter-

minismo, ja estudado, no começo deste trabalho, ficou provado que o ser humano, ou melhor, o cerebro humano, é apenas a consequencia dos factores que, numerosissimos, actuam, provocando a evolução biologica do homem.

Alem disto, a arte só pode figurar, neste trabalho, como facto de natureza essencialmente social e o seu estudo aqui só se justifica, como phenomeno passado nas sociedades.

Observando-se mesmo as suas manifestações superiores, atravez dos genios sublimados que parecem collocados acima da epoca e do meio, verifica-se que, ainda assim, ella apresenta-se, como um resultado, um producto da sociedade ou do pensamento colectivo.

Todas estas manifestações do sentimento e da intelligencia que podem ser incluídas, nas bellas artes propriamente ditas e nas bellas letras, o desenho, a pintura, a esculptura, a gravura, a architectura, as artes decorativas e as de ornato, a dansa, o canto, a muzica o theatro, a poesia, o romance attingem, ás vezes, um desenvolvimento superior á cultura humana e ultrapassam as possibilidades apparentes de uma epoca e de um meio social.

Nestas condições, o artista parece collocado fora e acima do meio, deixando, da sua obra alguma cousa de individual que escapa á acção da sociedade.

Mas, esta apparencia não resiste a uma observação mais profunda que logo deixa ver que a arte, como todos os phenomenos sociaes, é uma consequencia de todos os factos que agem, na evolução social, escravizando, do mesmo modo, o artista, como escraviza todos os homens.

Uma criação, por mais superior que ella seja, em arte ou em sciencia, é sempre o resultado de um encontro de conhecimentos ja existentes, uma adaptação intramental que se manifesta, no pensar de Tarde, como uma invenção ou iniciativa prompta a ser imitada.

Ficaria apenas a constituição mental do artista, o poder de associação e de transformação das imagens, como a parte individual do phenomeno

Mas, existirá, porventura, quem, de boa fé, possa negar que a organização superior de um cerebro genial, seja o mais bello, o mais completo e o mais sublime dos productos da vida organica e da evolução intensa das sociedades?

Nas grandes obras de arte, como nas primitivas, se diviza claramente uma manifestação collectiva, apenas ella apparece sempre com a mesma complexidade do phenomeno social.

Esta influencia collectiva, ás vezes, é directa, immediata e então é aceita, sem contestação. porque se impõe aos nossos sentidos, outras vezes, ella vem indirectamente, é a manifestação longinqua dos meios anteriores, das sociedades desaparecidas, agindo, por meio da longa serie dos antepassados e de um cerebro superior, no apparecimento das grandes obras de arte.

E, como estas influencias, apresentam-se mysteriosamente, para a observação humana, quasi sempre imperfeita e falha, julga-se que ellas tenham alguma coisa de individual que escapa á acção das sociedades.

E' necessario não esquecer, como affirma René Worms, «que a imaginação, mesmo a mais rica, não faz senão combinar elementos emprestados á sensação ou á memoria.»

Continua o mesmo autor:

«A arte nasce, portanto da vida social.

E tambem pode-se dizer que volta para ella.

Porque se ella se inspira de seu meio de outra parte quer agir, sobre este meio.

O artista procura commover, seduzir e apaixonar os seus contemporaneos.

Elle quer ininspirar-lhes sua maneira de comprehender o mundo e a existencia, communicar-lhes o ideal que o anima e que o inspira.»

Alem disto, a arte requer um material desenvolvido, segundo as circumstancias, que é o resultado de uma longa evolução e da influencia incontestavel das energias sociaes.

Pinceis, cores, instrumentos, decorações, scenarios, na pintura, muzica e theatro, a escultura e a architectura, etc., dependem do esforço das gerações passadas e, ainda mais, representam trabalho, ligando-se, portanto, muito intimamente ao desenvolvimento economico.

Quanto ás suas origens, nos povos primitivos, algumas artes demonstram ter começado, por uma influencia utilitaria.

A necessidade de abrigo e defesa deu origem á architectura que depois tomou as proporções admiraveis que hoje apresenta.

A muzica, quanto ás suas origens, pode tambem ser encarada deste modo, porquanto, nos povos primitivos, ella exerceu uma influencia magica, applicada pelos feiticeiros em seus encantamentos.

Mas, o que é conveniente accentuar, é a utilidade collectiva que ellas representam, utilidade esta que tambem é encontrada, na origem de todas as outras artes, embora, ás vezes, appareçam, sob uma forma desinteressada.

Certas dansas e pantomimas dos povos primitivos, jogos e representações dos movimentos da caça ou do caçador ou dos indivíduos das tribus inimigas, podem ser interpretados, como um meio de dominar estes seres, por encantamento apresentando-se, então com um fim utilitário. (1)

Os desenhos de animaes, em ossos e pedras, podem ser interpretados da mesma maneira.

Entretanto, Spencer procura, nos jogos, a origem da arte.

Os selvagens, nos momentos de lazer, divertiam-se reunidos, pois a companhia dos seus semelhantes augmentava-lhes o prazer.

Dahi os jogos, actividade desinteressada que, na existencia dos selvagens, exercem uma influencia muito desenvolvida.

A muzica apparecia então, segundo o mesmo autor, como uma manifestação atavica, um despertar das paixões e sentimentos de um passado longinquo.

Entretanto Darwin, baseiando-se, em factos biologicos e em exemplos colhidos nos animaes, attribue a origem da muzica a certas manifestações secundarias dos phenomenos sexuaes.

Nas primeiras phases da civilização, o phenomeno religioso exercia grande influencia na orientação esthetica e certas artes, como o dan-sa, a musica e a poesia eram intimamente ligadas e dependentes da religião.

Convem ainda deixar algumas noções que venham esclarecer o campo de acção da arte e da sciencia, não só o objecto que visam, como tambem as suas ligações.

René Worms.

Começarei, apresentando esta distincção, com as seguintes palavras de Frederic Passy: «a sciencia mostra o que deve ser, enquanto que a arte faz o que pode ser.»

Entretanto, René Worms diz que a sciencia nada tem que ver com «o que deve ser» e que se deve apenas occupar com o que é.

Continua este autor.

«Em uma palavra, a sciencia procura conhecer; a arte procura agir.

A primeira dirige-se á intelligencia, a segunda á vontade.

A primeira esforça-se em penetrar o mundo; a segunda de o melhorar.

Pela sciencia, o homem estuda seu meio, submete-se a sua escola, pede-lhe humildemente seu segredo.

Pela arte, elle reage sobre si, procura impor suas proprias vistas, ensaia-se de o talhar, segundo seu querer.

.....

Entre a sciencia e a arte existe a principio uma differença de fins.

A sciencia visa conhecer; a arte, agir.

Uma quer saber o que foi e o que é o mundo, a outra quer dizer o que poderá ser.

A primeira encara, pois, o passado e o presente; a segunda procura organizar o futuro.

A sciencia occupa-se do real para o estudar; a arte preoccupa-se do ideal para o realizar.»

Entretanto, é possível dizer que existe uma arte correspondente a cada sciencia.

Mas, finalmente, se existe esta interdependencia entre a sciencia e a arte, qual das duas seria anterior, na marcha da evolução humana?

As opiniões se contradizem.

Roberty e outros sociologos admittem a sciencia anterior á arte.

Tem-se concedido já o nascimento e o desenvolvimento da sciencia e da arte simultaneamente

Entretanto, julgam outros que a arte é anterior á sciencia.

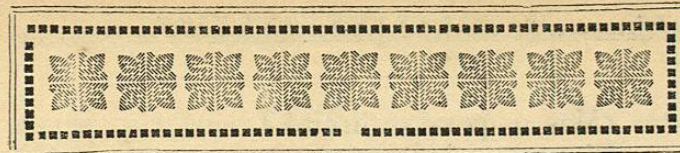
René Worms demonstra que existe uma certa confusão, devido ao emprego de uma terminologia falsa, apresentando o raciocinio que passo em seguida a expor.

A arte não seria unicamente a acção, a pratica propriamente dita, porque ella mesmo é uma theoria.

Se a theoria da acção fosse a sciencia, a arte precederia a sciencia, o que se não verifica, nas condições expostas.

Elle distingue o saber da sciencia e então, neste caso, a arte precederia a sciencia e seria precedida pelo saber.

A arte é, sem contestação, uma das mais bellas criações humanas e sem o phenomeno esthetico a vida perderia esta concepção encantadora que nos eleva ás regiões purissimas e luminosas do ideal e do sonho.



CAPTULO XXIII

O DIREITO

O DIREITO, como todo phenomeno excessivamente complexo e de natureza transcendente, cuja subtileza escapa ao poder de apprehensão da intelligencia humana, tem sido encarado, sob diversos aspectos, de accordo com idéas preconcebidas, doutrinas e theorias preestabelecidas que lhe emprestam origens e fins diferentes, muitas vezes antagonicos.

A primeira difficuldade encontrada, em seu estudo, é a definição, porque, na realidade, com ella ficaria determinada a sua natureza intima e consequentemente a sua origem e objecto.

Eu sinto prazer, em iniciar este capitulo, com as seguintes palavras de Americo Namias que tão bem interpretam a complexidade e a subtileza do phenomeno aqui estudado.